

# Mentiras e narrativas

» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF  
Jornalista (andregustavo10@terra.com.br)

Nos anos quarenta, depois que o Brasil declarou guerra aos países do Eixo, Alemanha, Itália e Japão, ocorreram manifestações importantes dentro do país. Dois clubes de futebol mudaram de nome. Os dois se chamavam Palestra Itália, um em São Paulo virou Palmeiras, outro em Belo Horizonte se transformou em Cruzeiro. Várias atividades comerciais mudaram a razão social. No Rio, no centro da cidade, o tradicional Zum Schlauch (A Serpentina, em alemão) passou a se chamar Bar Luiz. Getúlio Vargas impôs o ensino exclusivo do português como língua franca no Brasil e colocou as comunidades germânicas e italianas no sul do país sob severo controle.

Meu avô, dentista, nascido no Brasil, mas com sobrenome alemão, sofreu em Petrópolis. Seu pequeno consultório, na Avenida Centenário, foi incendiado, consequência do clima de ódio que se armou no país depois que submarinos dos países do eixo começaram a afundar navios de bandeira brasileira nas costas do país e no curso para portos dos norte-americanos. Nos Estados Unidos, o presidente Franklin Roosevelt realocou comunidades nipônicas em campos de concentração distantes da costa. O objetivo foi defender o país após o ataque japonês à base naval de Pearl Harbour.

O senso comum, ou o direito coletivo, prevaleceu em todas essas atividades. O povo mudou os nomes dos clubes de futebol, atacou possíveis colaboradores pelo simples fato de terem sobre nome estrangeiro. Surgiu a Força Expedicionária Brasileira, a FEB, que lutou nos campos de guerra na Itália ao lado do quinto Exército norte-americano. E trabalhou bem, segundo relato de quem acompanhou os brasileiros na luta contra o nazismo. Aqui no Brasil, lei federal determinou que nas cidades costeiras, em todo o país, era proibido acender luzes depois do pôr do sol. Ou as residências deveriam ter grossas cortinas para evitar que a luz pudesse orientar navio ou submarino hostil.

As cidades ficaram no escuro. Tratou-se de defender a comunidade e, em última instância, o país. Quem desrespeitou a regra foi punido, acusado de displicente, ou pior, espião estrangeiro. A comunidade encontrou seus meios para se defender de algo que ameaçava o país como um todo. Há diversos livros, brasileiros e estrangeiros, que relatam os planos do Terceiro Reich para América do Sul. As populações nessas regiões, consideradas



G O M E Z

mestiças, seriam cidadãos de segunda classe.

A ideia básica dos nazistas era criar um grande país que seria a atual Argentina ligada aos estados do sul do Brasil. Nada disso aconteceu porque o nazismo e o fascismo foram derrotados, com o auxílio do 25 mil pracinhas brasileiros que ajudaram a libertar a Itália. Fica claro que o direito coletivo se sobrepõe ao individual. A guerra atual é contra a covid-19. É essencial que os brasileiros se vacinem para impedir que o inimigo de toda a população prospere dentro do país. Parece óbvio, mas a obviedade agride o negacionista.

O presidente Joe Biden disse tudo no incisivo discurso que fez, no Capitólio, um ano depois da invasão daquele prédio por bárbaros que pretendiam impedir a certificação de sua vitória eleitoral. Trump não admite até hoje a derrota. Ele é mau perdedor. Mentiu sobre o assunto e agiu de forma dissimulada. Tomou as três doses de vacina. O negacionismo sobrevive no Brasil como ação política chamada de direita com tempero religioso. As igrejas neopentecostais repetem aqui a temática das igrejas de televisão, que vicejam nos Estados Unidos.

Elas não têm vínculo histórico com o Brasil. Desembarcaram aqui como reprodução dos movimentos carismáticos norte-americanos e se aliam aos partidários da direita local que atropela os fatos e cria narrativas descoladas da realidade. O protestantismo autêntico chegou ao Brasil quando alemães e suíços vieram para o país por iniciativa de D. Pedro I, a partir de 1824. O primeiro pastor luterano chamava-se Sauerbronn, de Freiburg, Suíça. Instalou-se em Nova Friburgo, perto do Rio de Janeiro. Nada a ver com atuais religiões evangélicas.

A Segunda Guerra Mundial trouxe a novidade. A mentira contada mil vezes se transforma em verdade. É o que se chama hoje de narrativa. A ação violenta, ostensiva e até ofensiva do presidente Jair Bolsonaro contra a verdade dos fatos é a síntese dessa história. Combina negacionismo com religião. Tudo se faz em nome do Altíssimo. Guerra é a paz dos incapazes de reconhecer a realidade. É também a maneira de aparecer quase todos os dias no noticiário das televisões e manter unido o pequeno, mas barulhento, grupo de seguidores fanáticos do autoproclamado mito.

## De costas para a África

» MARIANA GINO

Secretária-geral do Centre International Joseph Ki-Zerbo pour l'Afrique et sa Diaspora/N'an laara an saara (Cijkad)

"A crise não é totalmente da África, mas a crise do mundo em que a África está estruturada." Essa pequena e impactante citação é um dos nortes do pensamento do professor e historiador burkinabe Joseph Ki-Zerbo expressos no livro *Para quando a África?*, traduzido e publicado pela editora Pallas em 2009.

A obra, que é uma série de entrevistas que o professor Ki-Zerbo concedeu para o historiador René Holenstein, se mostra atualíssima para a compreensão das ações e repercussões mundiais diante das questões e das descobertas da variante ômicron, uma das mutações do coronavírus, que teve o seu primeiro caso confirmado na África do Sul.

Às vésperas do encerramento de novembro, a notícia de que os países europeus e americanos estavam começando a fechar as portas para o desembarque de voos vindos de países africanos diante da descoberta da variante nos deixam minimamente reflexivos com os impactos dos descasos internacionais com os países africanos.

Precisamos aqui rememorar que, no início das descobertas das vacinas para a contenção do vírus, o dr. Tedros Adhanom Ghebreyesus, diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), já chamava a atenção das autoridades globais para a importância de viabilizar a distribuição das vacinas para países que não têm recursos e poder de barganha de compra no mercado internacional.

O doutor Tedros Adhanom já sinalizava para as dimensões globais futuras, uma vez que, sem a imunização, os riscos do surgimento de novas variantes em países com menor possibilidade de compra era cada vez mais iminente. Enquanto países com poder aquisitivo estavam programando a aplicação das doses de reforço na população, menos de 10% dos africanos haviam sido imunizados, segundo dados da OMS.

Cá do meu canto, ponho-me a refletir sobre a frase do professor Ki-Zerbo pontuando que, mais uma vez, estão virando as costas para o continente africano, ou melhor, para a África negra (Subsaariana), e imputando sobre as autoridades africanas e suas populações as responsabilidades sobre a contenção da variante. Destarte, os países ocidentais, ao promoverem um "fechamento" para o continente, endossam, mais uma vez, as primícias hegelianas sobre o porquê não deveriam voltar os olhos e atenção para a África subsaariana.

No livro *Lições sobre a filosofia da história universal*, o filósofo alemão, que viveu na Europa entre os séculos 18 e 19, diz que a África era incapaz de contribuir para a formação e o desenvolvimento mundial, pois "não tem interesse histórico próprio, mas que os homens vivam totalmente na barbárie e na selvageria, sem fornecer nenhum ingrediente à civilização" e por não possuir nenhum tipo de viabilidade de conhecimento para a Europa, pois "a única relação essencial que os africanos tiveram — e têm — com os europeus é a escravidão".

Assim, além de perpetuar uma visão reducionista e inferiorizada sobre o continente africano, as ideias hegelianas fazem parte do imaginário social, político e econômico mundial. Ou, por assim dizer, um imaginário construído no Ocidente, que ainda é alimentado pela desumanização e animalização dos povos africanos.

Ora, não podemos deixar de aqui mencionar que os mesmos países ocidentais que hoje estão dando as costas para o continente outrora promoveram um intenso e sistemático processo de colonização, assimilação, inferiorização e assalto das riquezas naturais do continente e das populações. E, como demonstram os fatos históricos, os processos de colonização sobre a África, além de fortalecer as ideias de inferioridades sobre o continente e sobre as pessoas, promoveram uma dominação física, humana, cultural e espiritual.

Como bem gosto de pontuar, a pandemia da covid-19 não ocasionou os abismos sociais e econômicos no continente africano, pelo contrário, ela apenas escancarou a realidade das desigualdades que há muito tempo vêm sendo camufladas pelas autoridades ocidentais. A luta pela erradicação ou amenização dos efeitos e ações do vírus precisa ser um compromisso mundial. Compromisso esse que tem de ser firmado principalmente com os países que ainda vivem sob os impactos dos processos de colonização e descolonização e que possivelmente não vão conseguir promover uma imunização total das populações.

## Shackleton: líder e herói no aparente fracasso

» FELIPE DE AZEVEDO RAMOS

Padre, teólogo, professor e doutor em filosofia pela Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino (Itália) e medievalista com o Diploma Europeu de Estudos Medievais

Para Santo Agostinho, o homem que nunca viajou é como quem leu apenas um livro na vida. Ora, se é assim, descobrir novas terras seria o equivalente a desvendar uma biblioteca inteira.

Durante o Medievo já se postulava a existência de um continente austral (mais tarde, Antártida). Envolto em mistérios, dele cantou Camões: "Do polo fixo, onde inda se não sabe / Que outra terra comece ou mar acabe" (*Lusíadas*, V.14). Foi somente no fim do século 19, porém, que se reuniram as condições para desbravar esse novo mundo, com o início da Era Heroica das expedições antárticas.

A conquista do Polo Sul era o alvo principal dos exploradores. Em 1909, o irlandês Ernest Shackleton quase alcançou tal proeza, retornando a apenas 180km do objetivo. Por fim, em 1911, disputando com o inglês Robert Scott, o norueguês Roald Amundsen alcançou tal façanha, comparável ao descobrimento da América ou mesmo à chegada à lua em 1969.

A Shackleton lhe restava outra marca inédita: cruzar a pé toda a Antártida (cerca de 2.900km). As condições eram desafiadoras: ventos de até 300km/h e temperaturas para lá de -75°C. Para tal empreendimento, conseguiu alguns mecenas e noticiou o ousado projeto. Apesar do baixo salário oferecido e do extremo perigo da expedição, mais de 5 mil homens se alistaram. No processo seletivo, além do currículo, Shackleton examinava o caráter e o temperamento dos candidatos. Um dos testes, por exemplo, era cantar uma música de improviso... Só 27 foram recrutados para a denominada Expedição Imperial Transantártica.

Em setembro de 1914, o navio *Endurance* (sugestivamente: Resistência) partiu de Plymouth, Inglaterra, rumo à Antártida, com escalas em Buenos Aires e na Geórgia do Sul. Dessa ilha, rumo para o continente gelado, enfrentando 1.500km de águas regurgitantes de icebergs. Em janeiro de 1915, a apenas 140km do litoral antártico, o navio foi totalmente aprisionado pelo gelo, bem distante de qualquer contato com a civilização. Depois de inúmeras tentativas de se deslindar da geleira, a única esperança seria aguardar o derretimento após o inverno.

Shackleton, ou simplesmente "o chefe", decide esperar. A sua missão agora, não menos heroica, é salvar a tripulação. Forjado pela adversidade, organiza rotina equilibrada e eficaz disciplina, de modo a se sentirem preocupados no bem comum. Para evitar o tédio, promove competições de canto, xadrez e outros jogos. O otimismo do chefe manifesta-se por um misto de alegria, garra e fé, com pitadas de bom humor.

Preocupando-se com cada um, elogia as boas atitudes e corrige, sem humilhações, os erros. Quando alguém reclama da comida, desprende-se de sua própria ração diária. Um companheiro o definiu como "um viking com coração de mãe".

Por fim, em outubro de 1915, após longa agonia, o *Endurance* é finalmente esmagado pelo gelo, à maneira de um quebra-nozes. Como bom líder, Shackleton dá o exemplo: é o último a abandonar o navio. A tripulação permanece acampada numa banquisa até conseguir zarpar com três botes salva-vidas rumo à deserta ilha Elefante. Em seguida, a única possibilidade de sobrevivência consiste em atravessar 1.287km pela encapelada Passagem de Drake — "o pior mar do mundo" — até a estação baleeira da Geórgia do Sul, para solicitar resgate.

Shackleton se lança, então, num barquinho com mais cinco tripulantes rumo à Geórgia do Sul. Numa travessia praticamente impossível, alcançam o destino após 18 dias de verdadeira odisséia. Mas não há nada ruim que não possa piorar: chegam pelo lado sul, mas a estação baleeira fica ao norte... Mais uma vez, o "chefe" é exemplar: ele e mais dois seguirão o trajeto a pé através das cordilheiras, durante dois dias consecutivos sem dormir, num percurso desafiador até para alpinistas profissionais. Certo é que os três testemunharam depois que sentiam a constante presença de uma quarta pessoa que os acompanhava...

Por fim, em 30 de agosto de 1916, quase dois anos após o início da epopeia, todos os remanescentes na Ilha Elefante foram resgatados com vida. Como Jesus, Shackleton bem poderia declarar: "Dos que me destes, nenhum se perdeu" (Jo 18,9). De fato, Scott era o melhor nas ciências, Amundsen na velocidade, mas numa situação desesperadora e sem saída, "ponha-se de joelhos e peça a Deus que seu chefe seja Shackleton", comentou um cronista.

Há 100 anos, em 5 de janeiro de 1922, a caminho de mais uma expedição antártica, Shackleton embarcou, porém, para a mais sublime das viagens: a eterna. Afinal, cumprira ele a sua missão? Sem dúvida, pois, como proclamou Padre Vieira, "morrer bem é a maior façanha". Sim, pois mais tarde foi reconhecido como o "maior líder que já veio à terra de Deus" e herói da mais extraordinária aventura.